

UNA LACRIMA SUL VISO
MÚSICO DE ORIGEM ITALIANA PROMOVE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL
NA MAIOR FAVELA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Heloísa de A. Duarte Valente ¹

Marta de Oliveira Fonterrada ²

RESUMO: Este artigo pretende apresentar uma iniciativa pioneira na cidade de São Paulo em favor do bem estar social. Ao levar educação musical para a favela de Heliópolis, o maestro Silvio Baccarelli criou um Instituto para formação de cidadãos, reconhecido pela comunidade local e com iniciativas de projeção internacional. Analisamos algumas anotações feitas a partir de visita realizada ao Instituto e entrevistas feitas a profissionais que lá atuam, com o objetivo de entender até eu ponto as políticas públicas concernentes são de fato relevantes.

PALAVRAS-CHAVE: Música: ensino. Políticas culturais. Instituto Baccarelli.

Abstract: This paper presents a unique initiative in the city of São Paulo in favor of social welfare. By bringing music education to the slum of Heliopolis, the maestro Silvio Baccarelli created an Institute for the formation of citizens, recognized by the local community and of international initiatives. We analyze some notes taken during an interview to people who work at Baccarelli Institute in order to understand the actual importance and applicability of public policies regarding this kind of usage.

Keywords: Music: education. Public policies. Baccarelli Institute.

Uma lacrima sul viso (Introdução):

A Orquestra de Heliópolis, sediada no bairro onde se encontra uma das maiores favelas de São Paulo, já não pode ser mais apenas considerada fruto de um projeto social, pois alcançou notoriedade como um conjunto profissional, atraindo a atenção de artistas prestigiados internacionalmente, tal é o exemplo do maestro Zubin Mehta, que se ofereceu como seu padrinho.

Nada disso se deu de uma hora para outra. Foi preciso a destruição da favela para que ela fosse notada: um incêndio de grandes proporções em 1996 arrasou a região, completamente. O ocorrido chamou a atenção do maestro Silvio Baccarelli. Entristecido com a desgraça que testemunhou em noticiários televisivos, o veterano maestro chorou de tristeza. Passados vários anos, percebe-se o quanto o acontecimento ainda sensibiliza o maestro, o que se percebe ao assistir aos seus depoimentos. Em um deles, dando depoimento em prol a uma

¹ Docente e pesquisadora junto ao Programa de Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC); professora colaboradora e pesquisadora junto ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de São Paulo (PPGMUS/ ECA-USP).

² Mestranda junto ao Programa de Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC); pesquisadora junto ao Centro de Estudos em Música e Mídia. Contato: martafonterrada@hotmail.com.

candidatura à prefeitura de São Paulo, exibido na propaganda eleitoral gratuita rememora o triste episódio, com a voz embargada e um choro contido:

Eu presenciei cenas terríveis nesse incêndio, sem nenhum socorro! Depois que eu voltei pro trabalho, aquela sensação de ouvir um chamado: 'Vai fazer alguma coisa pelas crianças!' Isso é o principal: dar a consciência de que elas são pessoas importantes, que fazem parte de uma sociedade onde eles têm uma palavra a dizer e eles vão dizer através da música (Baccarelli, 2008).

Foi assim que Baccarelli tomou a iniciativa de oferecer aulas de música para crianças e adolescentes. O bem-sucedido projeto ultrapassou o assistencialismo e a benemerência, rendendo frutos muito saborosos – que, não obstante, demandaram uma longa jornada de dificuldades e etapas a vencer. Ainda na mesma entrevista, o empreendedor maestro, já no ocaso da vida, reitera os laços emotivos com a obra-prima de sua vida – a Orquestra de Heliópolis -, ao declarar: “Claro que me dá orgulho! Eu não tenho outra razão de ser, na vida!” (Baccarelli, 2008).

Hoje a Orquestra é a vitrine da iniciativa, projetando internacionalmente o Instituto Baccarelli³. Ao oferecer à população local uma série de atividades artísticas e educativas, sobretudo às crianças e aos adolescentes, o Instituto proporciona uma oportunidade de formação profissional sólida: verificam-se potencialidades e talentos específicos em proporção considerável – prova cabal de que falta de recursos financeiros não é sinônimo de falta de capacidade intelectual. Tal constatação rompe, definitivamente, com uma mentalidade conservadora e preconceituosa que ainda parece subsistir no meio social de que pobreza material anda de mãos dadas com limitação intelectual. Essa foi a principal razão principal que nos moveu a conhecer de perto o trabalho realizado pelo Instituto Baccarelli.

A importância do projeto pedagógico também chama a atenção à medida que o ensino das artes e da música perdeu significativamente sua importância, na formação básica. Algumas das razões que explicam essa derrocada têm origem no pensamento neoliberal, que passou a vigorar mundialmente. Para melhor compreender esse panorama, faz-se necessário tecer algumas considerações a esse respeito.

O fim do Estado de bem estar social: *Ninguém aprende samba no colégio?*

Coincidentemente, no dia 9 de abril de 2013, véspera de nossa visita ao Instituto

³ Em razão de seu trabalho, o Maestro Baccarelli vem recebendo homenagens diversas, como a concedida pela Escola de Samba Vai-Vai, em 2008.

Baccarelli, acompanhávamos as repercussões sobre a notícia da morte de Margareth Thatcher, primeira ministra da Inglaterra entre 1970 e 1990. Logo alcunhada como a Dama de Ferro, foi uma das protagonistas no desmantelamento do estado de proteção social, conforme destaca o historiador Nicolau Sevcenko (2001: 35-42). Segundo o autor, até a década de 1980 os estados nacionais controlavam a economia e grandes corporações que, através de um sistema de taxas, revertiam parte do lucro a setores carentes da sociedade, gerando a redistribuição de recursos em saúde, educação, moradia, infraestrutura, seguro social, lazer e cultura.

A globalização permitiu que grandes empresas tivessem mobilidade, permitindo a redução de mão-de-obra e oferecendo maior capacidade de negociação. Tornou-se possível, assim, deslocar as fábricas para locais com mão-de-obra mais barata. (Sevcenko 2001:31). Ao lado do presidente estadunidense Ronald Reagan a então primeira ministra britânica se proclamou madrinha do liberalismo, evocando frases de efeito, como: “Não há nem nunca houve essa coisa chamada sociedade, o que há e sempre haverá são indivíduos” e “A ganância é um bem”. (Sevcenko 2001: 35).

Ora, como os novos paradigmas político-econômicos do mundo ocidental passaram a ser pautados pelos poderosos aliados Reagan-Thatcher, é de se conjecturar as consequências que suas estratégias resultariam extremamente desfavoráveis para os países considerados do Terceiro Mundo, como o Brasil e o restante da América Latina.

Durante o mesmo período, a música na escola era retirada da grade escolar como disciplina única, dividindo com as outras formas de expressão artística uma mesma disciplina, criando um hiato que perduraria mais de 40 anos. Muito embora a volta da música nas escolas tenha sido assegurada por Lei, os alunos apresentam uma lacuna tão grande na sua formação intelectual que não lhes permite fruir música, em seu sentido pleno, mesmo aquela de menor complexidade e de curta duração. Tal constatação pode ser comprovada a partir de um recente acontecimento que repercutiu ruidosamente na imprensa: O pianista André Mehmari foi vaiado por uma plateia de crianças em Campinas por estar tocando... Ernesto Nazareth! O mesmo “palatável” Nazareth que atraía plateias na antessala do Cine Odeon, na Cinelândia carioca, há praticamente um século atrás. Entenda-se aqui: a música de Nazareth é geralmente classificada como ‘música ligeira’⁴; isto é, de assimilação fácil por um público diversificado e, nem sempre, educado musicalmente.

André Mehmari descreveu a atitude que chocou o pianista e toda a classe musical em seu perfil no *Facebook*. O mesmo assunto foi tema da coluna de José Miguel Wisnik no jornal

⁴ Ainda que discordemos desta designação – consideramos o autor muito refinado em sua escrita- não há dúvida de que sua obra tem uma comunicação direta, o que permite, em certa medida, entabulá-la como ‘ligeira’.

O Globo:

Ao começar uma explicação sobre a sua participação, e mesmo antes de tocar, começou a receber vaias e xingamentos pesados, intensivos, que se multiplicaram e continuaram ao longo de toda a apresentação. (..) ironicamente intitulado “Ouvir para crescer”, com o agravante de que vinha de pré-púberes, é um sinal, entre outros, de pontos de ruptura no tecido civilizatório que passa pela escola. (Wisnik, 2013)

Acreditamos que esta atitude resulta, em grande medida, de uma lacuna deixada pela falta de ensino de música nas escolas. Para analisar esta questão mais de perto, faz-se necessário consultar as leis referentes ao ensino de música, no Brasil.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5692/71, a música, junto com artes cênicas, artes plásticas e desenho passariam a integrar a disciplina educação artística. Nesse modelo, o aluno de licenciatura deveria aprender as quatro linguagens em dois anos, assimilar suas técnicas e, ainda por cima, adquirir capacidade para ensiná-las em todos os níveis da educação básica. A formação insuficiente e pouco consistente levou a música, como disciplina, a um estado de indigência que só não a fez desaparecer por completo em virtude de alguns projetos bem sucedidos, conduzidos por professores-músicos⁵.

A necessidade de conhecimento musical tornou-se irrelevante, colocada em segundo plano, muito longe das expectativas imediatas de um ideário tecnicista⁶. Ocorre que aprender a cantar, a ouvir, ter noções básicas da música colabora para outros tipos de aprendizado. A educação musical exercita outras áreas da inteligência, atendendo a necessidades de ordem cognitiva de outra natureza: das psicomotoras, proprioceptivas àquelas vinculadas ao desenvolvimento e maturação das emoções.

Com o enfraquecimento da disciplina nas escolas, teria a prática musical se tornado privilégio de uma elite econômica? A educadora musical Marisa Fonterrada acredita que muito embora a disciplina não tenha sido extinta (a LDBEN nº. 9293/96, consta dos

⁵ Marisa Fonterrada descreve o processo de dismantelamento da disciplina em tom contundente. Em assim sendo, preferimos citá-la à letra: “Desde a sua implantação, o ensino de música passou, e ainda vem passando, por inúmeras vicissitudes, perdendo seu espaço na escola, pois a citada LDB [5692/71] extinguiu a disciplina educação musical do sistema educacional brasileiro, substituindo-a pela atividade de educação artística. Note-se a expressão utilizada: a *disciplina substituída pela atividade*. Ao negar-lhe a condição de disciplina e colocá-la com outras áreas de expressão, o governo estava contribuindo para o enfraquecimento e quase total aniquilamento do ensino de música; os cursos superiores de educação artística surgiram em 1974, um pouco depois da promulgação da LDB, e tinham caráter polivalente” (2005: 201).

⁶ Ressalta a educadora Marisa Fonterrada: “Sob a influência de técnicos em administração escolar, em educação e em psicologia da educação, as propostas pedagógicas governamentais são feitas, no fundo, mais por especialistas em gestão empresarial do que por educadores e, menos ainda, por especialistas em educação musical”. (Fonterrada, 2005: 203).

parâmetros curriculares nacionais, com objetivos e metas a serem alcançadas, e sugestões de atividades para toda a educação básica.), a disciplina se enfraqueceu por uma série de fatores, entre os quais, talvez, o mais danoso, tenha sido a criação dos cursos de Licenciatura em Educação Artística. Assim, a área de conhecimento acaba por afastar possíveis interessados em desenvolver aptidões – que, em muitos casos, permanecem latentes, por falta de meios de despertá-las. Num sentido lato, a ausência da formação gera audiências despreparadas, tal é o caso dos estudantes que vaiaram o talentoso e reputado André Mehmari. (Fonterrada, 2013).

Se a educação musical volta reformulada à formação básica nas escolas públicas, não se pode garantir, de imediato, um “batalhão” de professores devidamente preparados para a sua tarefa. A lei de diretrizes e bases da educação (LDB11.769/2008) dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica, o que implicaria na gradual volta da música nas escolas", alterando a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Educar musicalmente e pela arte é, antes de tudo, promover o acesso mínimo a cultura, o gosto musical, educação do ouvido. É verdade que os músicos profissionais são formados em conservatórios e escolas técnicas, públicos ou privados. No entanto, a educação básica deve preparar o estudante para conhecer as diversas áreas do conhecimento. Tanto melhor se, a partir dela, o aluno puder encontrar sua vocação procurar meios de desenvolvê-la.

Heliópolis, sob a batuta do Maestro Baccarelli

Antes de prosseguir nossa análise sobre a importância do empreendimento do maestro Silvio Baccarelli, faz-se necessário retomar o período histórico em que se deu a fundação do Instituto e seu contexto socioeconômico. Dizíamos, há pouco, que o estado do bem-estar social foi destruído na era Reagan e Thatcher, durante a década de 1970. Como fruto daquilo que o senso comum costuma designar “capitalismo selvagem”, o imperialismo estadunidense e o liberalismo econômico praticado pelas grandes corporações veio a atingir os países poderosos do assim denominado “primeiro mundo”.

Durante esse período, os países em desenvolvimento, como o Brasil, conseguiram expandir-se economicamente, sem, contudo, obter resultados consideráveis no âmbito social, ressalta o economista Márcio Pochmann (2004:7). O autor aponta como uma das principais características do subdesenvolvimento brasileiro a permanência de grande parte da população prisioneira de condições precárias de vida e trabalho. Durante a década de 1990, ainda segundo Pochmann, o rendimento do trabalho perdeu nove pontos percentuais de sua participação relativa no total da renda, enquanto a carga tributária era elevada em dez pontos

percentuais.

Assim, as favelas foram tomando uma dimensão gigantesca ampliando o seu entorno e mesmo invadindo a zona central das cidades. São Paulo mudava vertiginosamente a sua paisagem no decorrer daqueles anos. Esta numerosa relação de imensas desigualdades começou a conviver com paisagens tradicionais da cidade, praticamente construídas pela imigração dos italianos nas primeiras décadas do século XX. Foi no meio desses imigrantes italianos que apareceram artistas, arquitetos, compositores, maestros, criando uma tradição cultural musical grande na cidade, contrastando com a lacuna da desigualdade educativa de hoje. Muitos destes músicos ganharam destaque, tanto no domínio da música erudita quanto popular. Esta relação inclui nomes como Francisco Mignone e Adoniran Barbosa.

O maestro Baccarelli, realizou um trabalho – que embora isolado – ganhou notoriedade sob os holofotes internacionais, ao criar um elo entre os *virtuosi* de sua Orquestra e a meninada sem qualquer aproximação com a prática musical, mostrando que o trabalho pode ser realizado independentemente da camada socioeconômica de seu público-alvo. Em certa medida, seu papel equivale a outro ídolo-descendente como ele e também maestro, George Olivier Toni, pioneiro na implantação de cursos de iniciação musical na capital paulista.

Como relatamos no início, Silvio Baccarelli comoveu-se profundamente com a notícia da tragédia na até então maior favela de São Paulo, em 1996. O maestro já comandava um conjunto musical sólido, formado por músicos profissionais: a Orquestra e o Coral Baccarelli, conhecidos por apresentar música em casamentos pomposos e outras ocasiões festivas⁷.

Ao oferecer o ensino de música à comunidade carente, que havia perdido o pouco que tinha, materialmente, Baccarelli criou um projeto de dar o que ele sabia àquela população dignidade, recuperação de sua história de vida. Em seu depoimento, o maestro revela “ter ouvido um chamado”. O que fez, logo imediatamente, foi dirigir-se a uma escola pública da região (EMEF Luiz Gonzaga do Nascimento Jr.) e oferecer-se para ensinar instrumentos de orquestra a crianças e adolescentes. Em poucos meses já havia 36 garotos estudando instrumentos de cordas.

No início, o maestro arcava pessoalmente com todas as despesas do projeto. A partir de 1998, profissionais a ele ligados e à sua empresa se inscreveram no projeto na Lei Nacional de Incentivo à Cultura / Lei Rouanet. A partir de então, foi possível buscar patrocinadores no setor privado e ampliar as atividades resultando, dentre outras coisas, na mudança do Instituto

⁷ Descrição detalhada, incluindo formações instrumentais e vocais possíveis, repertório etc. se encontram na página da empresa na internet: <http://www.baccarelli.com.br/site/home.php>.

para a comunidade de Heliópolis, ocupando o prédio de uma antiga fábrica de sucos.

Foi neste momento que entrou para a equipe Vitorio Broetto, coordenador de acervo de partituras da instituição. A importância da busca por recursos financeiros é fundamental, enfatiza o arquivista: “Não posso dar uma esperança para uma pessoa e de repente esta esperança ser jogada fora do dia para a noite” (Broetto, 2013). Acrescenta ainda que as partituras são confeccionadas no Instituto. Geralmente eles conseguem uma partitura e “destrincham” para os instrumentos disponíveis; mas, no início do projeto, o maestro Baccarelli fazia pessoalmente as adaptações para o grupo de instrumentistas. Feita a escolha de partituras, passa-se para o arranjo: “Temos um ótimo arranjador⁸ que se encarrega da tarefa”. (Broetto, 2013).

Outros compositores de prestígio também já dedicaram obras à Sinfônica de Heliópolis, como André Mehmari e Chiquinho de Moraes. Em 2009, o Instituto inaugurou a primeira etapa de sua sede própria, doada pela Pró-Vida, com 2 800 000 m² e cinco andares. Um projeto inédito no Brasil, pensado e planejado para atender a cerca de dois mil alunos. (Instituto Baccarelli: 2013).

“Formar, para Transformar”

Nossa primeira visita ao local se deu no dia 10 de abril de 2013, data em que tivemos a oportunidade não apenas de visitar as instalações, mas também de entrevistar pessoas que lá trabalham há vários anos – tal é o caso da professora Silmara Drezza e Vitorio Broetto, arquivista da orquestra. Tivemos nessa ocasião a oportunidade de registrar um ensaio coral e uma aula de musicalização infantil. Conversamos com funcionários sobre a resposta das famílias destas crianças e adolescentes.

Hoje com aproximadamente 1500 crianças, o Instituto Baccarelli costuma fazer intervenções nas escolas da região para mostrar o seu trabalho para as crianças e familiares, além do projeto “Encantar na escola”, iniciação em canto coral aplicado em escolas da rede pública. A porta de entrada é sempre o coral⁹. Para Vitorio Broetto, é uma forma de aprender música com o instrumento que já faz parte das pessoas, a voz. Conforme o interesse dos alunos, eles vão começando a aprender a tocar instrumentos. Mas alguns preferem ficar nos corais. O Instituto oferece prática coral para desde iniciantes até o nível profissional, passando

⁸ Trata-se de Jether Garrotti Jr, conforme soubemos pelo próprio músico, em entrevista realizada dias antes.

⁹ Os cursos atendem a três modalidades básicas: o Coral da Gente, a Orquestra do Amanhã e a Orquestra Sinfônica de Heliópolis (Instituto Baccarelli, 2013).

por dois intermediários. Com as orquestras se passa da mesma maneira, até chegar à conhecida Sinfônica de Heliópolis.

Pudemos acompanhar um ensaio coral em nível intermediário e nos surpreendemos com a afinação, pronúncia e disciplina das crianças, que cantavam em vários idiomas sem descuidar da coreografia. Essa constitui uma das tarefas principais de Silmara Drezza, coordenadora pedagógica e regente coral, atuante no Instituto desde 2002. Para ela, dificuldades na vida pessoal dos alunos não são pretexto para descuidar do esmero artístico. Para isso, impôs três regras – três frases curtas- como proibidas na sala de aula “1:Eu não sei; 2: Eu não posso; 3: Eu não consigo”. Acrescenta a professora: “Depois de muito lutar e trabalhar às vezes passagens difíceis, os estudantes dão o retorno aos educadores quando se mostram satisfeitos.” (Drezza, 2013). Altruísta, a dedicada professora-regente é enfática ao afirmar que é somente através da formação que conseguimos a transformação: “Não formamos músicos, formamos pessoas para a vida; fazemos que eles lutem por um objetivo” (Drezza, 2013).

As aulas de instrumento também são coletivas, com grupos de dez a quinze pessoas. Segundo Vitorio Broetto, é uma forma de diminuir o acanhamento entre as crianças. “Se um erra, o outro erra também, não há constrangimento: “Eles só começam a ter aulas sozinhos quando já estão preparados para tocar sem acanhamento”, afirma. “Os instrumentos - frutos de doações – são emprestados aos alunos e devolvidos ao final do dia. Mas quando um aluno está em estágio avançado, que necessita continuar os estudos em casa, deixamos que ele leve o instrumento” (Broetto, 2013).

Outra preocupação dos professores e pedagogos é com a família das crianças e adolescentes. Eles são participantes ativos do dia-a-dia das crianças no Instituto. Silmara Drezza diz atender familiares desde as sete da manhã. Há pais que buscam o desabafo; outros pedem conselhos... e mas todos se envolvem ao ver o trabalho realizados com seus filhos. Os pais são participantes ativos das reuniões pedagógicas e aulas abertas. Drezza afirma perceber “na hora” quando uma pessoa da família está com problemas, pois isso se reflete automaticamente no comportamento da criança. Felizmente, a família dá subsídios para que os professores consigam trabalhar com as crianças: “Vemos a coletividade, mas também vemos a unidade”, conclui a professora. “É através da cultura que a gente vai melhorar a vida dessas pessoas...” (Drezza, 2013).

Conclusões: Uma “orquestra do amanhã”?

Ainda que o objetivo primeiro do Instituto, idealizado pelo maestro Silvio Baccarelli tenha sido de caráter educativo, motivado por uma ação humanitária, o corpo docente e toda a equipe têm, como meta, a formação do músico pleno, apto a assumir uma profissão: “Nosso objetivo é que eles se tornem profissionais, alguns trabalham hoje em outras orquestras, inclusive fora do país”. Essa afirmação, em tom entusiasmado, por Vitório Broetto parece sintetizar os anseios não apenas dos entrevistados, mas dos próprios estudantes e suas famílias.

Com os resultados obtidos ao longo dos vários anos junto ao público beneficiado, o Instituto Baccarelli conquistou o respeito da iniciativa pública e privada que viu no apoio financeiro à entidade uma oportunidade de projetar favoravelmente a imagem institucional de suas empresas. Sendo assim, desde 1998, o Instituto passou a contar com o valoroso apoio da Lei Federal de Incentivo à Cultura – a Lei Rouanet, que permite isenção de imposto de renda para patrocinadores. Hoje o Instituto conta com apoio das empresas Eletrobrás, Volkswagen, Petrobrás, Instituto Votorantim, Bradesco, Banco Volkswagen e apoio institucional, através de serviços e permutas de Aidar SBZ advogados, Setor 2 e meio e Dita Comunicações.

Como últimas considerações, poderíamos apresentar algumas conclusões iniciais. A primeira delas é que, se um lado é possível verificar-se em iniciativas polêmicas¹⁰ como a aplicação da Lei Rouanet real eficácia, tal como ocorre no caso do Instituto Baccarelli, cujos benefícios reais e comprovados, de outro se percebe o quanto a formação educacional, em vários níveis, ainda se encontra restrita a iniciativas de benemerência. Afora isso, restam os cursos particulares, ditos “livres” ou as escolas ditas “de elite”¹¹. A segunda conclusão a que podemos chegar é reafirmar que o poder público ainda tem por fazer pelos seus cidadãos. Se a escolarização básica ainda se mostra deficiente, em vários aspectos, a compreensão da necessidade da educação pela arte ainda não parece ter sensibilizado tanto legisladores, como

¹⁰ Ainda que de utilidade inegável, a Lei Rouanet vem sendo objeto de revisão, à medida que permite que as empresas apliquem os recursos em eventos culturais e artísticos que, ao fim e ao cabo, não têm outro objetivo senão promover a sua imagem pública. Dessa forma, são preferencialmente financiáveis artistas já conhecidos, através da mídia. Some-se a isso o fato de estes se concentrarem na região Sudeste do país. Outra situação, bastante questionável é a transferência do numerário a grupos estrangeiros, como ocorreu com o Círculo do Soleil, em 2006.

¹¹ Existem, ainda, as escolas públicas, de acesso gratuito: EMIA, da Escola Municipal de Música, da ETEC de Artes e do Conservatório de Tatuí, para ficar só em São Paulo.

os próprios pais dos alunos, para quem –equivocadamente, é claro- a introdução a essa área do conhecimento não é entendida como de formação, mas acessória¹².

Por fim, não menos importante é a eleição dos critérios que constituirão os crivos de seleção e análise dos projetos a serem beneficiados, bem como das determinações do poder público, através de campanhas educativas e da legislação: Se grande parte dos governantes de hoje não passou por uma educação cultural e artística na escola, que capacitação técnica terão estas pessoas adultas de hoje para separar o joio do trigo e fazer uma escolha fundamentada sobre o que deve ou não ser ensinado nas escolas?

Com essa inquietação – não apocalíptica, mas probabilística – direcionamos nossas aspirações para que - Quem sabe?- os atuais talentos que se formaram no Instituto Baccarelli venham a se guiar pela atitude do velho maestro e, por conta própria, tornem-se multiplicadores do seu empreendimento. Mas, antes disso, preferiríamos que essa iniciativa brotasse de uma necessidade percebida pelas famílias – e, tanto quanto aprendizagem de esportes-fosse cobrada das autoridades do poder público.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Silvana. 2006. MinC libera R\$ 9,4 mi para Cirque du Soleil no Brasil. In: **Folha de S. Paulo** (*on-line*): <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u59903.shtml>. [Consulta: 15 de junho de 2013].

BROETTO, Vitório. 2013. **Entrevista a Heloísa Valente e Marta Fonterrada**. São Paulo: 10 de abril.

DREZZA, Silmara. 2013. **Entrevista a Heloísa Valente e Marta Fonterrada**. São Paulo: 10 de abril.

FONTEERRADA, Marisa. 2005. **De Tramas e fios – um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: Editora UNESP.

_____. 2013. **Depoimento a Heloísa Valente**. Comunicação pessoal (*e-mail*), 19 jun.

PENNA, Maura 2004. A dupla dimensão da política educacional e a música na escola: I – analisando a legislação e termos normativos. In: **Revista ABEM n 10**. Março.

POCHMANN, Marcio 2004. Proteção social na periferia do capitalismo, considerações sobre o Brasil. **São Paulo em perspectiva. n° 18(2) 3-16**.

¹² Nossa experiência profissional revela manifestações de pais de alunos pleiteando a substituição de aulas de educação artística por desenho geométrico ou matemática, matérias “importantes” para a preparação para os exames vestibulares...

IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL – POLÍTICAS CULTURAIS – 16 a 18 de outubro/2013
Setor de Políticas Culturais – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

SEVCENKO, Nicolau. 2001. **A Corrida para o século XXI – No loop da montanha russa.** São Paulo: Companhia das Letras.

WISNIK, José Miguel. Não ouvir. 2013. O pianista André Mehmari é um dos maiores fenômenos da música instrumental surgida no Brasil nos últimos tempos. In: **O Globo.** [Consulta: 12 de junho de 2013].

ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical: Lei Volta do ensino de música nas escolas <http://www.abemeducacaomusical.org.br/noticias2.html>

Instituto Baccarelli: http://www.baccarelli.com.br/site/instituto_baccarelli.php. [Consulta: 12 de junho de 2013]

Maestro Silvio Baccarelli: Através da música, maestro Baccarelli rege um novo futuro para jovens carentes de Heliópolis In: http://www.youtube.com/watch?v=2_bBJgykZCY. [Consulta: 12 de junho de 2013].

TV Mackenzie: Orquestra Sinfônica Heliópolis 2008. In: <http://www.youtube.com/watch?v=3B9POpm8LHc&NR=1&feature=endscreen>. [Consulta: 12 de junho de 2013].